

INTERCONGREGACIONALIDADE E NOVAS FORMAS DE VIDA CONSAGRADA

Irmã Teresinha Tontini

No ano da Vida Consagrada somos convidadas pelo nosso Papa Francisco “a renovar a nossa fidelidade ao Evangelho, a reavivar o dom da profecia e a fortalecer em nós a esperança, para vivenciarmos o hoje da humanidade”.

INTERCONGREGACIONALIDADE: Dom do Espírito Santo

Deus nos criou distintas. Cada uma de nós é uma a sós. Porém não fomos criadas para a solidão e sim para a solidariedade. Precisamos umas das outras. A inspiração do espírito que tiveram as nossas fundadoras foi suscitada a partir da experiência de Deus nos pobres e sofredores, colonos da época.

O nosso compromisso comum é o seguimento de Jesus Cristo pobre. A pessoa de Jesus é fundamento da VRC. A pessoa de Jesus é multifacetária, a VR com os seus diferentes carismas, quer ser o rosto, quer ser presença de Cristo no mundo. Não podemos no processo formativo querer cultivar pessoas somente para crescer o nosso grupo, mas ser presença na igreja e no mundo. Todo carisma é DOM dado para o serviço a igreja. A diversidade de carismas enriquece o corpo eclesial. A VRC mais do que nunca precisa ser testemunho dessa unimultiplicidade de Deus.

A intercongregacionalidade pode enriquecer o nosso carisma. Quando nos juntamos, percebemos mais claramente a diferença que nos une. É bonito perceber que temos o mesmo princípio, mas não somos a mesma coisa. Podemos e devemos, na medida do possível, trabalhar juntas. Somos mais fortes quando andamos de mãos dadas. Urge que abramos o nosso coração e façamos a experiência da diversidade divina que nos impele á comunhão. É possível sermos presença missionária juntas. Trabalhar juntas efetiva e afetivamente, ou seja: membros de diferentes ordens e congregações, trabalharemos unidos no sentido de tornar mais visível a presença de Deus no mundo. Entendemos a intercongregacionalidade como Dom do Espírito Santo, que com Deus Pai-Mãe e o Filho, formam a Trindade. A trindade é a comunhão dos divinos três.

Há vários anos que a Vida Religiosa Consagrada vem fazendo sua experiência criativa, como um pintor que sempre vai pintando ou um modelador de argila que nunca termina sua obra. Deus PAI-MÃE é Criador e criativo. Sempre está recriando. Nossa congregação já tem feito a experiência da intercongregacionalidade na Bolívia, República Dominicana, no Haiti, no Amazonas... Também juntamos forças com leigos e leigas, partilhando nossa vida e missão em diferentes projetos e regiões missionárias. Porque não continuarmos essas experiências hoje, quando sentimos a idade avançar,

poucas entradas de vocações? Aonde está nossa ousadia profética? Olhando para o nosso quadro das irmandades vamos percebendo que estamos diminuindo em número e pessoas. Poucas jovens nos procuram para vivenciarmos nosso carisma. Na verdade vivemos uma crise, assim como toda a VRC.

Enquanto umas buscam na sua radicalidade e coerência viver a VRC na sua opção com os pobres, marginalizados, ribeirinhos, quilombolas, povos indígenas, Mulheres diversas, envolvidas por uma causa que luta pela dignidade humana, nos direitos da mulher marginalizada, outras buscam viver na subjetividade, seu mundo pessoal, na comodidade, buscando viver na “liberdade” na busca da vivência de valores que a sociedade e o mundo globalizado oferece. Basta olharmos nosso quadro de transferências. Porque queremos sair de nossas irmandades? Porque não queremos mais enfrentar o conflito das relações, a vivência comunitária, o cultivo da espiritualidade no conflito. O que nós buscamos vivenciar hoje? Que presença somos e que resposta damos ao mundo, as mulheres, aos indígenas, aos excluídos da sociedade? Que chão pisamos? Nossa cabeça pensa e reflete de acordo com o lugar aonde pisam nossos pés. Todos os dias eu me pergunto: a quem eu devo seguir? A quem sou chamada a servir? Porque eu sempre culpo as outras diante das minhas fraquezas e limitações?

Numa sociedade marcada pelo conflito, a convivência difícil entre culturas diversas e pessoas, a prepotência sobre os mais fracos, as desigualdades, somos chamadas a oferecer um modelo concreto de comunidade que, mediante o reconhecimento da dignidade de cada pessoa e a partilha do dom que cada uma é portadora, permita viver relações fraternas.

“Por isso, sede mulheres e homens de comunhão, marcai presença com coragem onde há disparidades e tensões, e sede sinal credível da presença do Espírito que infunde nos corações a paixão por todos serem um só (cf. Jo 17, 21). Vivei a mística do encontro: a capacidade de ouvir atentamente as outras pessoas; «a capacidade de procurar juntos o caminho, o método», deixando-vos iluminar pelo relacionamento de amor que se verifica entre as três Pessoas divinas (cf. 1 Jo 4, 8) e tomando-o como modelo de toda a relação interpessoal,”

Dom Leonardo na celebração do centenário em sua homilia nos dizia: *“...Elas foram servir os pequenos: ofereceram a vida do Evangelho e o pão da educação. Vivendo nas pequenas comunidades, no meio do povo, com o povo, como o povo, sempre a caminho, servindo. Esse modo de vida, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo as fez menores com os menores. Moraram com os menores na casa dos menores. Na entrega, na doação foram iluminadas e conduzidas ao modo de vida de seguidoras menores. Franciscanas, pequenas e sábias mestras que deixaram-se tomar pela alegria e a satisfação, pelo contentamento e generosidade. Aquele contentamento que ilumina os passos, aplaina os dissabores, une no sofrimento, conforta nos fracassos, eleva na obra iniciada (Chesterton). A alegria, doação, generosidade e contentamento de nosso*

querido Papa Francisco: A alegria do Evangelho. A alegria do Evangelho que as fez catequistas, iniciadoras na vida do Evangelho. Elas seguiram o que Jesus no Evangelho aconselha: não tanto os amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo os pobres e os doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, «àqueles que não têm com que te retribuir» (Lc 14, 14). Os «pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho»! O amor e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres, o ser cristão e os pobres, uma Irmã Catequista e os pobres. Queridas Irmãs não os deixem jamais sozinhos!» (cf. EG 48). Se alguma coisa deve santamente inquietar e preocupar a uma Irmã Catequista “é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida.” Queridas Irmãs, mais do que o temor de falhar, coloquem-se a caminho para encontrarem a multidão faminta de Deus e de esperança. Jesus repete sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37).” (cf. EG 49)”

Novas formas de vida religiosa

Hoje está surgindo na Igreja novas formas de vida comunitária, mas a sua identificação com a vida religiosa está ainda por discernir.

Mudaram os tempos, porém as estruturas ainda continuam as mesmas. Não se pode fazer nascer o novo se não se muda o jeito de pensar, o jeito de agir. Como faísca divina que ilumina e aponta uma vida mais partilhada, a VR de hoje cogita viver a intercongregacionalidade como forma de resplandecer no mundo o rosto de Deus. Portanto é impossível negar o surgimento e a configuração de uma nova VR que desafia a nossa criatividade solidária.

O verdadeiro testemunho da VR é iluminar, ser faísca de Deus, mostrar no mundo a sua presença, ser o seu rosto materno e paterno, ser palavra viva. Despretensiosamente ser o sagrado no mundo. Conscientes de que Deus é a fonte da vida, como profetas e místicas cuidar da vida em todos os sentidos. Ser uma presença simbólica, unificadora e unificante, não importa se somos feias ou bonitas, importa sim, a gratuidade, a simplicidade, a misericórdia, a bondade e o acolhimento fraterno e sororal, somado a liberdade que proporciona a libertação integral da pessoa humana.

Podemos no entanto apontar algumas características ou tendências : No livro das Linhas Inspiradoras 2012 a 2018, o relato sobre a experiência “Vivendo a Intercongregacionalidade” nos aponta algumas características como: a comunhão dos diferentes carismas, caminhos de convivência; mantém alerta para a diversidade cultural, religiosa, geracional, de gênero, a prioridade da vida sobre as estruturas, a hospitalidade e acolhimento a quantos queiram partilhar sua vida....Comunhão fundada no respeito, admiração, cuidado, em cumplicidade com os sonhos e as lutas dos pobres. Há uma riqueza de vivência intercongregacional.

A intercongregacionalidade ajuda a abrir horizontes, a tornar real a partilha viva do carisma, a perceber que uma bela e bem sucedida parceria é possível.

A Intercongregacionalidade exige mudança de olhar que, por sua vez, acontece á medida que partilhamos entre nós e com o povo a amizade e tudo o que compõe a vida: esperanças e frustrações, vitórias e impotências, festas e lutas.

Precisamos discernir muito sobre como queremos que seja esse novo jeito de ser hoje. Diante do quadro em que nos encontramos. Queremos uma regionalização, buscamos áreas de missão? Como é mesmo nossa configuração? Somos seis províncias de norte e sul, nordeste, Africa. Como queremos viver nossa missionariedade? Que passos damos e, que passos queremos dar? Enfrentamos alguns desafios, dificuldades e ameaças: Os impactos do envelhecimento humano das irmãs e da escassez de ingresso de jovens para a vida religiosa trazem repercussões, sobretudo na missão e organização da congregação; A prioridade ao projeto pessoal em relação ao projeto comum da província, congregação; A necessidade de criar relações de irmandade mais leves, sinceras, transparentes; A necessidade de prosseguir em busca de reorganização das províncias em vista da missão; Como viver uma nova forma de vida religiosa? Como viver a Intercongregacionalidade?

Concluo com as palavras do Papa Francisco que nos recorda que a profecia da Vida Consagrada consiste em despertar o mundo. Mas somente despertaremos o mundo a medida que dermos testemunho de comunhão, de intercongregacionalidade, de compartilhamento de nossos carismas, juntamente , com os leigos e leigas.

Março de 2015
Ano da Vida Consagrada